3 CAPÍTULO III - TEMAS TRANSVERSAIS DA EDUCAÇÃO NAS TIRAS DE QUADRINHOS

Observadas as condições de produção, sociais e políticas, as temáticas que percorreram o gênero quadrinhos levam a entender que constituíram discursos determinantes e caracterizadores de segmentos históricos do Homem e, ao mesmo tempo, cunharam a história desse gênero, conforme resenhado no capítulo anterior. *Sociais*, por exemplo, quando se focaliza a Família Fenouillard do francês Georges Colomb, ao retratar em quadrinhos, criticamente, o novo-rico; ou quando, surgidos no ambiente da Igreja e dos sindicatos, os quadrinhos representavam situações extremas de classes sociais menos favorecidas na década de 70, no Brasil. *Políticas*, quando os quadrinhos serviram de instrumento da ideologia do governo de Franklin Delano Roosevelt, na Segunda Guerra Mundial; ou quando, no jornal *O Pasquim*, a voz crítica de Henfil se fez presente na temática quadrinista para ironizar aspectos políticos e sociais do momento brasileiro nos anos 70.

É, nesse veio do discurso, que pareceu sustentável proceder à leitura de temáticas nas TQ em consonância com os Temas Transversais de educação, propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), uma vez que também eles oferecem a oportunidade da leitura crítico-histórica do mundo circundante e do mundo em geral; sugerem, portanto, a leitura de discursos 'latentes' em textos, discursos esses a que a escola se não deve furtar. Um registro de GUIMARÃES (2009, p.125-126) dá sustentação a essa proposta de leitura.

> É ainda segundo as propostas da Linguística Textual que se faz pertinente a identificação do texto como o documento no qual se inscrevem as múltiplas possibilidades do discurso. [...] Tem-se, pois, na fusão texto/discurso, uma forma linguístico-histórica, sendo que a abordagem da análise do discurso conjuga Língua com a História. Só se apreende bem o discurso vazado no texto quando se percebem determinadas virtualidades textuais em determinadas épocas – o que dá historicidade ao ato de ler.

MAINGUENEAU (2009, p.171), também referindo-se ao discurso, oferece outra perspectiva para proceder-se à leitura de TQ sob o aspecto aventado. Menciona que

> "**O discurso é interativo.** A manifestação mais evidente desta interatividade é a conversação, na qual dois locutores coordenam suas enunciações, enunciam em função da atitude do outro e percebem imediatamente o efeito que suas palavras têm sobre o outro.

Embora possam ocorrer o monólogo e o solilóquio nas TQ, o que se tem prioritariamente é o diálogo conversacional, uma estruturação textual que 'hospeda' um discurso. Essa observação parece pertinente e encontra ressonância nas palavras de

GUIMARES (2009, p.126): “Com efeito, a representação do discurso concretiza-se no composto textual, tendo-se, pois, o texto como repositório da carga discursiva.”.

Na conjunção dessas perspectivas teóricas, este estudo passa, primeiramente, a considerar nas TQ a ocorrência do diálogo conversacional, no que diz respeito a elementos que lhes são caracterizadores, alistados pela Análise da Conversação (MARCUSCHI, 1986; URBANO, 1999; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006), pontuando exemplos, procedendo à leitura desses elementos e ressaltando suas contribuições para a condução do propósito de sentido no respectivo contexto. No momento seguinte, a temática será motivo de análise, enveredando-se pela leitura dos Temas Transversais da educação no diálogo conversacional da TQ , segundo o arcabouço hierárquico do supertópico, dos quadros tópicos, dos subtópicos e dos segmentos tópicos, integrantes da organicidade de tópico, ou seja, aquilo sobre o qual se fala.

3.1 Análise da Conversação

Marcado pela organização tópica da conversação, juntamente com os turnos conversacionais, “fator disciplinador da atividade conversacional”, implicando “regra básica na conversação: cada um fala por sua vez” (MARCUSCHI,1986), o diálogo conversacional é quase totalidade na produção de TQ diárias, quando se atenta para o fato de que é bem menor o número de ocorrências de monólogo e solilóquio, observados nas duas tiras seguintes que apresentam o mesmo tópico: excesso de peso.

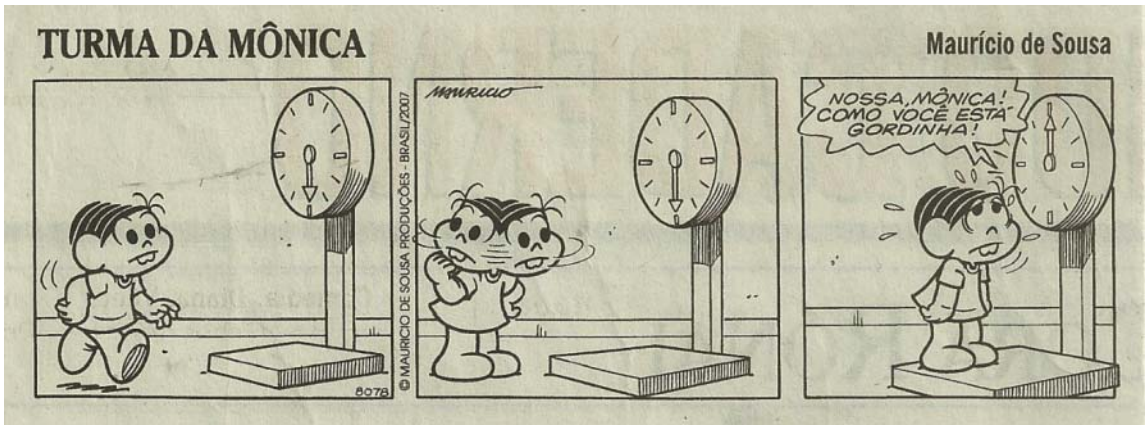
Exemplo 19

O Globo, 09-09-09

O monólogo de Hagar, verbalizado em quatro balões-fala, projeta humor, porque, como um réu confesso, ele não consegue controlar-se de sua grande propensão de comer,

marcada pela expressão incoativa "começar a pensar" (em fazer dieta) que, circularmente, implica a vontade de comer, registrada em "e me dá fome!".

Exemplo 20



O Globo,31-12-09

Neste solilóquio, Mônica não resiste ao ato de pesar-se, mas antes certifica-se de que não há ninguém por perto, quando olha de um lado para outro, certamente por não desejar que outros fiquem sabendo sobre o seu peso. No último quadrinho, a constatação do sobrepeso se dá, quando a menina emite para si mesma a interjeição "Nossa!" como marca de *espanto,* e se atribui o adjetivo "gordinha", que, eufemisticamente, está no lugar de uma radicalização do superlativo *gordíssima*.

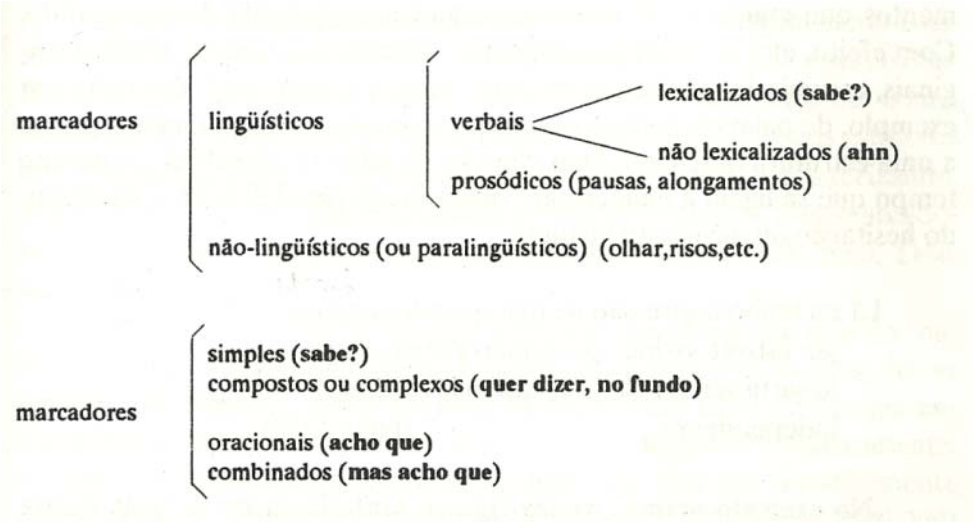
A constatação do diálogo conversacional como característica da TQ se dá, porque, em sua moldagem verbal, há marcadores conversacionais e turnos conversacionais constituídos de perguntas e respostas, asserções e réplicas, os designados *pares adjacentes* (MARCUSCHI, 1986, p.34-52), cujo tópico remete a instantâneos de vida focalizados em reflexões de ordem vária, pontuadas por interações simétricas e assimétricas, sobreposição de vozes, assalto de turno, correção, pausa, silêncio, hesitação, dentre outros fatores que nas TQ ajudam a desencadear humor e riso em seus diferentes matizes.[24]

URBANO (1999, p.86), registra que os marcadores conversacionais "são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal".[25]

[24] Neste estudo, não constituem objetivo observações referentes à caracterização do riso como apresentadas por Bergson (1987), Propp (1992), por exemplo.

[25] Urbano(1999) chama a atenção para o vanguardismo de Said Ali que, já em 1920, a esses marcadores se referia como típicas da conversação espontânea e discursivamente importantes para a interação dos falantes, denominando-os "expressões de situação".

Sistematizando uma visão desses marcadores, URBANO (op. cit., p.87), priorizando o aspecto verbal, apresenta o seguinte diagrama:



A análise desse diagrama faz observar que, nessa organização, marcadores conversacionais estão sob dois aspectos: um relativo à gramática tradicional; outro, à perspectiva semiótica. Ao serem considerados sob o prisma da fonologia ("prosódicos (pausa, alongamentos)"); da morfologia ("lexicalizados (sabe?), não lexicalizados (ahn)"); compostos ou complexos ("(quer dizer, no fundo)") e da sintaxe ("simples (sabe?), oracionais (acho que), combinados (mas acho que)"), evidencia-se o modo verbal no desenvolvimento da conversação. Na interação face a face do diálogo conversacional, entretanto, marcadores outros ("não linguísticos (ou paralinguísticos) (olhar, risos, etc.)") atuam como coadjuvantes do linguístico-verbal e indicam o modo semiótico na contextualização e na determinação de turnos de fala em processo.

Observações outras se fazem importantes neste momento.

Embora uma conversação espontânea não esteja vinculada a um planejamento prévio, MARCUSCHI (1986, p.16) ressalta que "Iniciada a interação, os participantes devem agir com atenção tanto para o fato linguístico quanto para os paralinguísticos, isto é, os gestos, os olhares, os movimentos do corpo, entre outros ."

Infere-se, portanto, que é preciso entender que há *decisões pontuais a* serem tomadas ao longo da conversação e que são elas que motivam as ações de sobreposição de vozes, assalto de turno, correções, silêncios, pausas, hesitações, como se analisará adiante. Exemplificam essas ações, de acordo com a teoria peirceana, a segunda categoria da interpretação do signo sob a ótica da fenomenologia, porque se está lidando com *percepções, ações* e *reações*.

SANTAELLA (2007, p.11) bem o explicita, ao considerar o aparato semiótico relativamente ao processo interpretativo e a categorias. São interpretações de primeira categoria as referentes a "meros sentimentos e emoções"; de segunda categoria, a "percepções, ações e reações"; de terceira categoria, a "discursos e pensamentos abstratos".

Também importa considerar tais ações do processo conversacional quanto às posturas do locutor e do interlocutor e as atitudes assumidas. SOBRAL (2009), no capítulo *Entoação avaliativa e responsividade ativa*, esclarece que

> ... toda enunciação envolve um tom avaliativo impresso pelo sujeito a suas atuações verbais, de acordo com suas relações com seu interlocutor e o momento da interlocução. (...) Isto é, a um dado tom avaliativo, ou entoação avaliativa, corresponde um dado "tom" responsivo, uma atividade "ativa" de resposta, aquilo que o Círculo [de Bakhtin] denomina "responsividade ativa", que não é mera recepção passiva, mas justamente uma forma de avaliação ativa de recepção pelo interlocutor, uma avaliação que é presumida pelo locutor antes de este falar.

HILGERT(1999, p.107-108), referindo-se a aspectos de formulação e planejamento do texto falado (conversação) e do texto escrito, quanto ao produtor do texto e suas iniciativas registra que

> A intenção é "construída" na e pela formulação, e o planejamento de uma atividade comunicativa só se completa com a construção do enunciado concluída.
> É precisamente esta preocupação simultânea com o "dizer" e com o "que dizer" que vai deixar evidente, no texto falado, uma série de marcas responsáveis pela caracterização específica de sua formulação. Elas explicitam os procedimentos a que o falante se vê impelido a recorrer para levar a bom termo o seu objetivo comunicacional. [...] Ou, como diz ANTOS (1962, p.183), o texto falado mantém explícitos todos os traços de seus *status nascendi*. Nisto ele se distingue do texto escrito, no qual, ao menos em grande parte, as pegadas do processo de construção estão apagadas.

Evidenciados esses aspectos teóricos, passa-se a apresentar exemplos e proceder a comentários julgados pertinentes, na consecução deste estudo, quanto a traços caracterizadores da conversação.

3.2 Marcadores conversacionais verbais na produtividade de diálogos nas TQ

3.2.1 HEIN

Exemplo 21

O Globo, 25-09-08

Um exemplo de marcador verbal não lexicalizado é *hein*. Embora seja mais usado para solicitar a repetição de algo que não foi suficientemente ouvido ou entendido, a ocorrência nesta TQ vai além, sugerindo que tal representação verbal está enfatizando uma pergunta referente a uma indignada tomada de satisfação, dada à possível rivalidade com a mencionada personagem Patrícia, tanto que, transtornada pela situação, a menina se antecipa na resposta que teria gostado de ouvir ("Fui eu!"), fechando seu turno conversacional.

3.2.2 <u>OLHA</u>

Exemplo 22

O Globo, 17-09-08

Olha ocorre como marcador de abertura de um turno conversacional, manifestando-se como exemplo típico da função conativa da linguagem. Trata-se de despertar o interesse do interlocutor pelo que se vai dizer, o tópico. É uma expressão mais gentil, mais atenuada, portanto eufemística, na interação face a face, caracterizando a conversação espontânea entre pares do que uma de suas paráfrases, como *Presta atenção*, usada em contextos que marcam

certa relação de poder, mesmo que essas duas estruturas apresentem a marca do imperativo. Na TQ, pode ser observado que *Olha* é estrutura que assume o valor semântico de *Ouça*, havendo, assim, a substituição de um aspecto sensorial por outro, uma vez que a segunda interlocutora não se aproximou para olhar e ler a notícia, restringiu-se apenas a ouvi-la.

3.2.3 BOM

Exemplo 23

O Globo, 03-11-08

A segunda fala da personagem Helga, marcadamente enfática (observe-se a formatação das letras quanto à espessura, tonalidade mais intensa e ao tamanho), é iniciada por *Bom*, marcador conversacional que, também como *hein*, sinaliza uma orientação do falante para o interlocutor e sugere poder ser lido como segundo membro da implicação *se ... então*. Dessa forma, é possível ler que ***se*** "Está 20 graus abaixo de zero e estamos sem lenha" **então/ "Bom**, o que vai fazer em relação a isso?". Hagar desestabiliza essa implicação. Primeiro, responde com hesitação "Não sei...", iconicamente marcada pelas reticências; em seguida, emite um sinal de falante que orienta o ouvinte (MARCUSCHI, 1986, p.68), ou seja, egoisticamente, esclarece que não tomaria nenhuma providência com relação à Helga, mas aventava uma ("Acho"), com relação a si próprio ("Vou pegar mais um cobertor"); um dizer que, no contexto, produz certo tipo de humor.

3.2.4 BEM

Exemplo 24

O Globo, 27-07-08

O emprego do marcador *Bem* está em simetria com *Como assim?*, marcador conversacional que se manifesta como um sinal indagativo do ouvinte (Marcuschi, 1986:68), de modo que se observa ser a segunda fala da menina mais esclarecedora quanto ao sentir-se fundamental na vida do personagem Charlie Brown. A ocorrência subsequente de "*Bem..*". sugere a intenção de uma resposta que acabou não sendo verbalizada. MARCUSCHI (1986, p.72) explica, em relação ao emprego de *Bem* que, como marcador conversacional, pode "indicar prefácios de disjunção e desalinhamento (...), projetando uma quebra com o precedente; ...". Sendo assim, pode-se supor que a provável resposta do personagem teria sido para externar discordância. Dada à hesitação do personagem, a menina procura preencher o pensamento marcado por reticências: uma desculpa que, certamente, não negasse suas suposições das falas anteriores – "Está sem voz, não é?".

3.2.5 CERTO

Exemplo 25

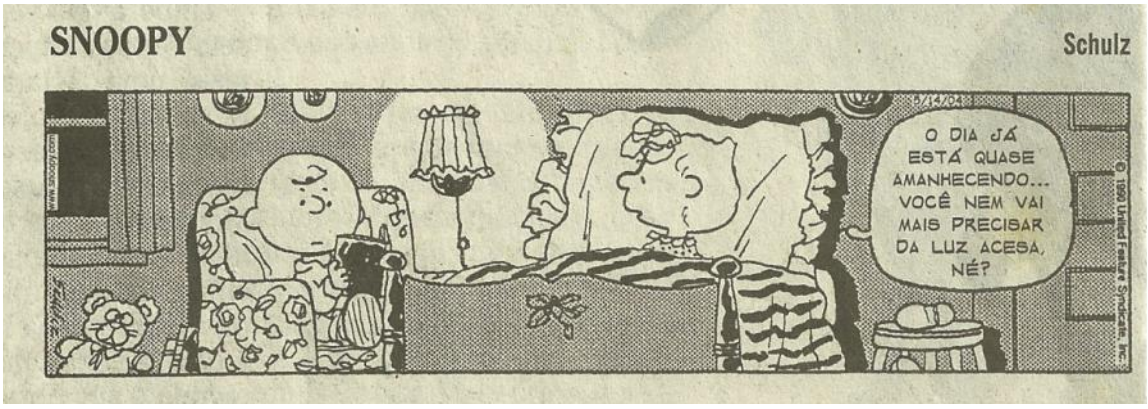
O Globo, 05-02-08

Certo é um sinal do falante que lhe garante dominância no turno conversacional, objetivando o assentimento do interlocutor, seja por concordância espontânea, seja por imposição. Na última fala, dá-se uma pergunta com o propósito de um sim, que se inicia pela conjunção coordenativa *mas*, indicando muito menos a ideia de contraposição do que a de compensação, uma vez que Hagar não nega os qualificativos que lhe atribuem e, de forma retórica, acrescenta mais um que suplanta os demais, enfatizado por *certo*, marcador conversacional empregado na estratégia de calar Helga e fazê-la concordar com ele, o que produz o humor da TQ.

3.2.6 NÉ? / NÃO É?

O emprego de *né/não é?* pode ocorrer tanto no final de um turno quanto no final de uma unidade comunicativa e tem como objetivo, na maioria das situações de diálogo, a busca de anuência na progressão conversacional ou a "busca na aprovação discursiva" (SETTEKORNA, 1977, apud URBANO, 1999, p.97).

Exemplo 26



O Globo, 01-08-08

Sugere a TQ que Sally queria dormir, mas a luz do abajur a incomodava; desejando que fosse apagada, a interlocutora apresenta um argumento sobre a não necessidade dela com a volta da claridade do dia. O emprego do "*né?*" retoma o raciocínio empreendido, na expectativa de que seu ouvinte aceite a argumentação e a anuência se concretize. Observa-se, no entanto, pela fisionomia de Charlie Brown que ele, de tão absorto na leitura, parece ter deixado a menina falando sozinha.

Exemplo 27

O Globo, 13-11-08

O emprego de *né?* na primeira fala confirma uma indesejável constatação ("questão-pegadinha"), que culmina, ironicamente ("Parabéns, professora!") com a aceitação de certa perda, motivada por aspecto de inferioridade ("de novo!").

Exemplo 28

O Globo, 15-08-08

O emprego de "não é", com o reforço do denotativo "mesmo", ajuda a caracterizar o aborrecimento da personagem, iconicamente transparecido em seu rosto, com relação à má vontade do marido em acompanhá-la nas compras. Esse é um exemplo em que a resposta esperada não é de anuência, mas de uma réplica quanto ao fato mencionado. Ao concordar ("Isso!"), Hagar quebrou a expectativa da mulher, ou seja, ela 'perdeu a face'[26], originando-se, dessa forma, o humor.

[26]"perder a face", entendida como "ficar sem graça", " ficar sem ação". Trata-se de "(expressão que os dicionários dizem ter sido importada do chinês na metade do século XIX), isto é, no sentido de "prestígio", "honra', "dignidade"." (Charaudeau & Maingueneau, *Dicionário de Análise do Discurso*, 2008).

3. 3 Pares adjacentes

MARCUSCHI (1986, p.14) comenta que "quando conversamos, normalmente o fazemos com perguntas e respostas, ou então com asserções e réplicas". Observa, também, que numa conversação ocorrem certas estruturas padronizadas, designadas *pares adjacentes*, ou *pares conversacionais*, representados por dois turnos, configurados por pergunta-resposta; convite-aceitação/recusa; cumprimento-cumprimento; xingamento-defesa/revide, dentre outros, que , segundo KERBRAT-ORECCHIONI (2006, p.58-59), constituem atos de falas – pergunta, pedido, promessa, desculpas, agradecimento etc. – "Quando a troca é constituída por duas intervenções, dizemos que se trata de um **par adjacente**. A primeira intervenção é chamada de **iniciativa** e a segunda, de **reativa**.".

Essas duplas podem manifestar-se, também, por meio de gestos, portanto, do não verbal. GREIMAS (1979, p.31-32), referindo-se à gestualidade modal, menciona o "estatuto da comunicação" e o "estatuto do enunciado". Sobre esse último, registra que

> Por **estatuto do enunciado** entendemos, como R. Jakobson, o conjunto de modalidades de julgamento susceptíveis de estar contidas num enunciado, tais como **assentimento/recusa, certeza/dúvida, espanto/manha** etc., sem no entanto ter em conta a sua manifestação, ao nível gramatical, nas semióticas linguísticas.

3.3.1 Pergunta-resposta

Exemplo 29

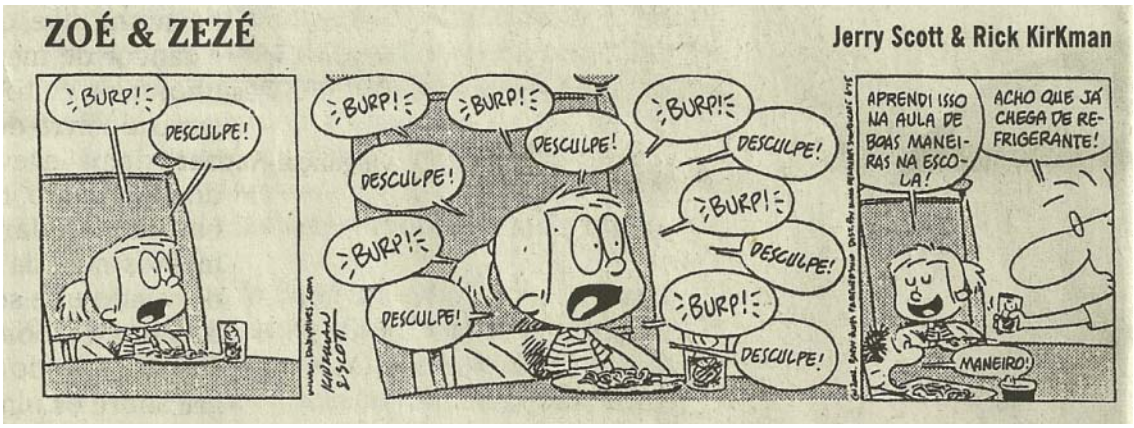
O Globo, 25-08-08

Trata-se de um exemplo constituído de falas representativas de perguntas e respostas, em que o humor se dá por crítica a situações que emperram o bom andamento da administração: na primeira resposta, o problema é a escassez de dinheiro; na segunda, o mau temperamento do funcionário. A terceira resposta se destaca pelo fato de conter uma perspectiva mais aceitável; embora nela esteja envolvida a ideia do que deva ser priorizado,

ou seja, há uma atenuante, pois é oferecida uma satisfação sobre a ausência da secretária ("A Carolina mandou avisar que saiu com os pais."). "Bom", na última fala, marca conclusão, porque se desfaz a ideia de uma generalização negativa em razão de uma perspectiva positiva. É um sinal do emissor ao ouvinte, que indica mudança de opinião, visto que a secretária demonstra consideração, ao dar explicação sobre sua ausência.

3.3.2 Asserção-réplica

Exemplo 30



O Globo, 26-05-09

No primeiro quadro, focaliza-se a boa educação sendo considerada; a personagem Zoé arrota, mas pede desculpa. O segundo quadro, no entanto, desestabiliza o bom-tom do primeiro. Segue-se, então, uma asserção para justificar a quantidade de arrotos e pedidos de desculpa ("Aprendi isso na aula de boas maneiras na escola."), garantindo-lhe estar, apenas, pondo em prática o que havia aprendido. Percebendo que a menina tinha propósito de fazer graça para o irmão ("Maneiro!"), daí o humor, o pai faz objeção à atitude da filha e, para acabar com a graça, desvia a atenção, empregando o marcador oracional *acho que*, que, numa função modalizadora, diz respeito à escolha de uma postura pelo falante. (URBANO, 1999, p.87-88).

3.4 Turno Conversacional

3.4.1 Simetria

A conversação simétrica se dá quando ambos os locutores se engajam com o mesmo empenho na consecução de discutir o tópico em questão, atitude que propicia o bom andamento da progressão conversacional, com as devidas alternâncias dos interlocutores, em

consonância com o princípio básico da comunicação humana, a que GRICE (1982, p.81-103) denominou Princípio da Cooperação, que agrega um processo de negociação, trocas, normas partilhadas, concessões, por exemplo. KERBRAT-ORECCHIONI (2006, p.44-45) registra o "princípio da alternância" descrito pela fórmula ababab em que há de observar-se

> [...] um equilíbrio relativo da duração dos turnos; um equilíbrio também absolutamente relativo da "focalização" do discurso, que deve, em princípio, se centrar sucessivamente em F_1 e F_2. Com efeito, geralmente são estigmatizados tanto aquele que "monopoliza a palavra", como aquele que mantém um discurso exclusivamente "autocentrado" ("Bem, então! eu...", "É como eu ..."etc.)

Exemplo 31

O Globo, 24-06-09

O tópico central da tira se refere à vida familiar, desenvolvido simetricamente pelo casal, que reflete cooperativamente sobre seu próprio lazer, o comportamento dos filhos, a ajuda de Rhonda e seu desempenho com as crianças, para que possam sair de casa; observa-se equilíbrio quanto à duração dos turnos. Por fim, chega-se à questão financeira, quando se dá certo humor pelo fato de o dinheiro ser tornado fundamental para a obediência das crianças quanto às ações que lhes são requeridas.

3.4.2 Assimetria

A assimetria de turnos conversacionais é marcada pela maior frequência da fala de um interlocutor.

BRAIT (1999, p.195), considerando características gerais da interação no diálogo, registra que

> Os falantes não somente trocam afirmações e expressam ideias, mas também, durante um diálogo, constroem juntos o texto, desempenhando papeis que, exatamente como numa partida de um jogo qualquer, visam à atuação sobre o outro.

É sobre essa "atuação sobre o outro" que se pode pensar sobre a assimetria de turnos como uma estratégia de, por exemplo, desestabilizar o outro pelo motivo que seja, menosprezando a organização das trocas de turno de fala. KERBRAT-ORECCHIONI (2006, p.74) registra que "ter razão é possuir a razão do outro, é 'sobrepor-se' ao seu parceiro, cabendo a ele 'concordar'(ou mais vulgarmente 'se rebaixar'), ou seja, reduzir-se à posição subalterna.".

Exemplo 32

O Globo, 03-12-09

Esta TQ registra, tipicamente, assimetria conversacional com o propósito de produzir humor. As falas da personagem, predominantes e de intenso fluxo, como a segunda, caracterizam o desabafo de uma mãe e dona de casa com relação à grande quantidade de tarefas que tem de cumprir e as horas por isso dispendidas. Trata-se de uma extensa resposta para uma simples pergunta, revelada, cataforicamente, ao leitor no balão pensamento do último quadro: o marido havia, apenas, perguntado que horas eram. Não ocorreu, portanto, equilíbrio referente à focalização do discurso ("Hora de tudo, menos do *meu* descanso!").

3.5 Sobreposição de vozes

A sobreposição de vozes se refere a uma situação no diálogo em que ocorrem falas simultâneas, desde o início do turno, devido ao efetivo interesse dos interlocutores sobre dado tópico.

Exemplo 33

O Globo, 12-03-09

A sobreposição de vozes na segunda fala do quadrinho deixa evidente o interesse das meninas de se sentarem com Maluquinho, fato que evidencia ele não participar das brigas referidas na primeira fala da professora. KERBRAT-ORECCHIONI (2006, p.111), referindo-se aos franceses, (cabível, também, para os brasileiros), explica que as sobreposições de vozes "dão um caráter vivo e animado e produzem um efeito de calor, de espontaneidade, de participação ativa, geralmente apreciado em nossa sociedade."

Particularmente, nessa TQ, a sobreposição de vozes das meninas projeta o humor, porque uma possibilidade aventada para a solução de um problema gerou outro, como num efeito em cadeia: ("Temos outro problema").

3.6 Assalto de turno

O assalto de turno diz respeito ao fato de o interlocutor-ouvinte invadir, repentinamente, o turno do interlocutor que está com a palavra, sem que lhe tenha sido solicitada a intervenção para a devida passagem de turno, ou seja, viola-se o princípio fundamental da conversação "fala um de cada vez", porque essa passagem é governada por "*um sistema localmente comandado*, tendo assim um caráter visceralmente contextual e não automatizado.". (MARCUSCHI, 1986, p.20)

Exemplo 34

O Globo, 10-04-09

O propósito de humor se origina no assalto de turno, marcado pela segmentação de 'elogio', distinguindo-se dois opostos momentos para a mãe. O primeiro, pela satisfação do espontâneo elogio feito pelo filho; o segundo, pelo desapontamento dela devido à inesperada comparação, processada pelo parâmetro olfativo-gustativo de "cachorro-quente e refrigerante", inusitadas referências valorizadas pelo menino.

O assalto de turno é denominado por KERBRAT-ORECCHIONI (2006) de *interrupção*: "Interromper o outro é lhe "cortar" a palavra, é, portanto lesar seu "território" e ameaçar sua "face". Há casos, no entanto, que tal atitude ganha valor positivo, quando, devido a uma "pane lexical", o alocutário oferece a palavra necessária para que se continue o turno conversacional, por exemplo.

3.7 Correção

A correção é um ato em que o falante refaz ou anula, total ou parcialmente, dada asserção anteriormente feita; indica, portanto, reelaboração do discurso por iniciativa própria – "correção autoiniciada", ou "iniciada pelo outro" (MARCUSCHI, 1986, p.32), com o emprego de uma expressão verbal como "não", ou não verbal, exteriorizada por uma expressão facial de enrugamento da testa, por exemplo.

Na correção, estão envolvidos o enunciado de origem e o enunciado reformulador, apresentando esse procedimento caráter metaformulativo. (HILGERT,1999)

Exemplo 35

O Globo, 21-02-09

A crítica argumentativa, quanto ao estilo de corte de cabelo desejado pelo filho, sustentada nos três quadrinhos iniciais e baseada em sequências temporais, postas em contraste quanto à extemporaneidade – "Essa foto deve ter pelo menos quarenta anos" e "hoje" – ao que se adicionou um juízo de valor "essa coisa ridícula" é questionada pela única fala do menino, com caráter de correção, objetivada pelo quadrinhista para produzir humor.

Exemplo 36

O Globo, 30-11-09

Na presunção de ter autoridade sobre o irmão menor, Zoé não só ratifica o dizer da mãe, como também passa, em sua segunda fala, a defender o teor e a qualidade das regras paternas estabelecidas. No entanto, quando a mesma regra aplicada ao irmão lhe foi também exigida, ela corrige totalmente seu discurso, sobressaindo a discordância sobre a disciplina exigida.

MARCUSCHI (1986, p.28-29) registra que

> Corrigimos a nós mesmos ou aos parceiros, fazendo reparos sintáticos, lexicais, fonéticos, semânticos ou pragmáticos. A esse processo convencionou-se chamar de *mecanismo de*

> *correção*; ele funciona também como *processo de edição* ou *autoedição* conversacional e contribui para organizar a conversação localmente.

BARROS (1999, p.153) aponta ainda que

> o ato de corrigir e, sobretudo, de corrigir o outro, é uma forma de exercer controle sobre o parceiro, de mostrar saber e poder, de brigar pela direção da conversação, de acentuar as diferenças e discordâncias entre os interlocutores.

Tais considerações ganham exemplificação na última fala de Zoé, porque nela se acentuam diferença e discordância, de modo que a correção se manifestou como um mecanismo portador de três funções: informativa, pragmática e interacional.

No que diz respeito aos aspectos pragmático e interacional de tal fala, é possível, também, encaminhar a leitura para o que KERBRAT-ORECCHIONI (2006, p.75) conceitua como "perfil interacional", que envolve as relações vertical e horizontal[27]. Segundo o princípio da relação vertical,

> Quer a chamemos de "poder", "hierarquia, "dominação" ou "relação de lugares", essa dimensão remete ao fato de que os parceiros em presença não são sempre iguais na interação: um dentre eles pode se encontrar numa "alta" posição de "dominante", enquanto o outro está localizado numa "baixa" posição de "dominado".

Como nessa série quadrinista Zoé, por ser irmã mais velha, se arroga o direito de mandar no irmão Zezé, observa-se que, nos dois primeiros quadrinhos, as falas da menina indicam sua *posição de dominante*, colocando o irmão Zezé em *posição de dominado*. No momento em que a mãe lhe aplica a mesma regra, "E sem bonecas!", há uma reversão: a mãe passa a ocupar a *posição de dominante* e Zoé, *de dominado*; sua reativa foi, portanto, discordar de "As regras são boas!", atitude efetiva de autocorreção, enunciando "Regras idiotas!".

3.8 Reorganização do pensamento

Considerados como meios de ganhar certo tempo, pausa, silêncio e hesitação são empregados pelo emissor para reorganizar o planejamento do pensamento cognitivo, uma vez que, no diálogo conversacional, elaboração e produção coincidem no eixo temporal. É preciso ressaltar que, em alguns casos, o silêncio se dá por estar o alocutário *ausente*, isto é, desconectado da situação, de modo que não responde, por exemplo, a uma pergunta, a um cumprimento; outras vezes, o silêncio pode indicar uma reativa, uma forma de demonstrar

---

[27] Na relação horizontal, "os parceiros em presença podem se mostrar mais ou menos "próximos" ou, ao contrário, "distantes": o eixo da relação horizontal é um eixo gradual orientado, de um lado, para a **distância** e, de outro, para a **familiaridade** e para a **intimidade**. (op. cit.,p.63)

descontentamento com o interlocutor, ação que visa atingir a face desse interlocutor de forma negativa.

3.8.1 Pausa

A pausa, como o silêncio e a hesitação, é considerada um recurso suprassegmental "de natureza linguística, mas não de caráter verbal." (MARCUSCHI, 1986, p.63).

Exemplo 37

O Globo, 12-10-09

No terceiro quadrinho, a fala de Zoé provoca na mãe atitude de reprovação estampada, principalmente, pelo apertar das mãos, uma vez que "pessoas podem esboçar em gesto o que está prestes a ser dito em palavras." (KENDON, 1970, apud DAVIS, 1979, p.89).

Percebendo a reação da mãe e tentando preservar-se na situação, a menina tenta confundi-la com a fala "... Não mencionei isso?", ou seja, ela ou a mãe teria esquecido? Consciente da atitude da filha, restou à mãe, naturalmente indignada, fazer uma pausa no diálogo, preenchida por um alto gemido ("Groan!")

3.8.2 Silêncio

Exemplo 38

O Globo, 29-09-09

O propósito de humor da TQ se completa com a estupefação da mãe perante a cena deparada e pelo oportunismo do discurso meronímico do menino, em que "pelas coisas que ele quebra" é circunstância contida em "pelas regras que ele ignora", contribuindo para tal intento o elemento linguístico *ou* que oferece opção/igualdade para duas possibilidades de mesma natureza. Desse modo, a mãe deixou suspensa uma possível fala de imediata recriminação, dando-se, assim, a plenitude de um silêncio, observada, também, pela iconicidade da não representação gráfica do desenho de sua boca.

3.8.3 Hesitação

A hesitação decorre de falhas da memória, de procura por um item lexical específico ao que se quer mencionar, ou mesmo pelo desconhecimento de um assunto, por exemplo.

Exemplo 39

O Globo, 24-11-09

A hesitação sustenta o humor da TQ, bem como engendra, num processo catafórico, a curiosidade do leitor quanto ao adjetivo com que o pai, espantado, caracterizaria os trabalhos

feitos por Zezé. Finalmente, dá-se a escolha inusitada de "Pesados!", com feição conotativa, mas que sugere um eufemismo, uma vez que o menino presenciava o diálogo dos pais; era necessário, portanto, chegar-se a uma palavra mais eufemística para o momento. URBANO (1999 p. 94-95) se refere a "marcadores de hesitação", citando, dentre eles, as repetições. Esse processo ocorre na TQ com o advérbio "Realmente" e ganha reforço com a coocorrência da interjeição "Hum", indicativa de uma reflexão, circunstância que requer tempo, e das reticências, que alongam a sequência temporal da hesitação.

3.9 Marcadores conversacionais não verbais na produtividade de diálogos nas tiras de quadrinhos

Ao estudar a comunicação não verbal, DAVIS (1979, p.16) afirma que

> (...) a comunicação não verbal é mais do que um simples sistema de senhas emocionais e que, na verdade, não se pode separá-la da comunicação verbal. Ambas são tecidas junto e de modo inextricável, pois quando seres humanos se encontram face a face, há uma comunicação em níveis simultâneos, consciente e inconscientemente, usando-se para isso boa parte dos sentidos [...]

No que se refere à conversação face a face, o movimento dos olhos, o franzir da testa, as expressões faciais, como o riso, a gestualidade, como "a dança das mãos" e a postura corporal são índices de variadas emoções que constituem a iconicidade dos quadrinhos para desejados efeitos de sentido.

3.9.1 Os olhos

DAVIS (1979), no capítulo *O que dizem os olhos*, tece uma série de considerações sobre o olhar; delas destaca-se, primeiramente uma, referente à análise da conversação no que tange a turnos conversacionais.

> O movimento dos olhos, é lógico, indica aquilo que uma pessoa está vendo. Estudos sobre comunicação demonstram um fato inesperado, segundo o qual esses movimentos também regulam a conversa. Durante a troca diária de palavras, enquanto se presta atenção àquilo que estão dizendo, o movimento dos olhos proporciona um sistema de sinalização, que indica ao interlocutor quando é a sua vez de falar. (p.73)

Além dessa perspectiva, é preciso registrar que Davis considerou, de uma forma mais ampla, que "O comportamento ocular é talvez a forma mais sutil da linguagem física. A cultura nos programa desde pequenos, ensinando-nos o que fazer com os olhos e o que esperar do próximo" (p.73). É o que poderá ser observado nas propostas de leitura seguintes.

Exemplo 40

Globo, 06-08-09

No primeiro quadrinho, os olhos da menina se mostram arregalados, numa falsa expressão de sinceridade, porque, de forma astuciosa, propõe, 'democraticamente', ao irmão que se faça uma votação para resolver o impasse quanto a quem vai comer o último biscoito; as pupilas dos olhos do irmão se apresentam mais baixas, numa postura de submissão; trata-se de "baixar os faróis", expressão atribuída a GOFFMAN (1963), segundo DAVIS (1971). No segundo quadrinho, o olhar da menina expressa convicção quanto à forma da votação: o número de "Ai!" proferidos. Espertamente, diz o primeiro "Ai!" e parte para o projetado soco no irmão, que, obviamente, emitiu a interjeição indicativa de dor, haja vista ao fechamento dos olhos dele no terceiro quadrinho. Vencedora no pleito ─ "Os 'ais' ganharam", as feições da menina traduzem a satisfação de comer o último biscoito ─ ela se volta de costas, ignorando o irmão, enquanto ele, apertando a parte dolorida do braço, com os olhos arregalados grita de indignação ("Ei!"), (observe-se o formato da boca totalmente aberta), reclamando da injustiça que sofrera.

Exemplo 41

O Globo, 08-07-09

Uma afirmação de DAVIS (1979, p.75) que contribui para a leitura dessa TQ é a seguinte:

> "Encarar o próximo que fala pode significar concordância ou, simplesmente, atenção. Se, enquanto você fala, você olha firme para outra pessoa, isso mostra que você quer saber a reação de seu interlocutor ou que está muito seguro daquilo que está dizendo"

Evidencia-se na fala da professora uma pergunta retórica, uma vez que, não apenas as maçãs ofertadas a ela tinham sido comidas, senão também as expressões faciais tensas dos alunos denunciam a insatisfação deles. São esses dois índices que remetem ao desagrado quanto à dificuldade da prova aplicada. O olhar fixo de todos eles, encarando a professora, dá conta de uma sanção, no sentido social de reprovação. Em especial, têm-se, por exemplo, na expressão fisionômica do terceiro aluno, traços do desenho indicando sobrolho levemente franzido e boca tensa dada à situação. Há também de notar-se sua mão no rosto, possibilitando a leitura de um questionamento mais incisivo.

3.9.2 As mãos

No capítulo *Dança das mãos*, DAVIS (op. cit., p. 83-90) chama atenção para os gestos manuais, que ajudam a consolidar propósitos de sentido. Assim se dá nas TQ, em que eles se manifestam como índices no processo do diálogo conversacional. Afirma essa estudiosa da comunicação não verbal que "Grande parte da gesticulação comum vincula-se, na verdade, ao discurso, como uma forma de ilustrar ou sublinhar o que se diz.". Apresentam-se, a seguir, exemplos relativos a esse enfoque.

Exemplo 42

O Globo, 10-06-2006

Quanto à orientação espacial, é costume usar uma das mãos para indicar determinada direção. Na TQ, no segundo quadrinho, o soldado se espanta ao ver que seus companheiros

seguiram na direção contrária ao lago, onde, por meio de binóculos, ele havia flagrado a sargento Luísa tomando banho "pelada", por isso ajusta uma orientação por meio de uma fala ("Mas o lago é para lá!") acompanhada do gesto da mão, com o dedo indicador em riste, semelhantemente a uma seta. O humor surge com a resposta de dois soldados, porque, no contínuo da leitura dessa série, toma-se conhecimento de que a sargento assusta, por não possuir atrativos físicos consideráveis.

Exemplo 43[28]

*O Globo,*15-`12-09

No primeiro quadrinho, podem ser observadas duas posições de mãos. A primeira, perto da boca de alguém que está falando, indica voz baixa; as duas mãos aninhando o rosto indicam uma pista de pensamento intenso[29]. No segundo quadrinho, ocorre o gesto característico da mão atrás da orelha, para indicar ao interlocutor não ter ouvido a enunciação ("Hum?"). No terceiro quadrinho, o dedo em riste é característico de alguém que, ao enunciar algo, demonstra convicção "o dele é surdo-mudo também".

[28] Repete-se este exemplo da página 80, para a facilitação da leitura. Ainda, de outro modo, salienta-se a riqueza de leitura oferecida nesse tipo de texto.

[29] A escultura *O Pensador,* de Auguste Rodin, criada em 1884 e ampliada em 1904, apresenta a iconicidade de um pensamento por meio de uma das mãos da figura retratada apoiando o rosto.

Exemplo 44

O Globo, 29-10-09

O ato de colocar as mãos na cintura oferece leituras diferentes, dependendo da cultura de cada povo. Na cultura brasileira, por exemplo, pode ser índice da atitude de tirar satisfações com alguém. No primeiro quadrinho, no entanto, a mãe, ao colocar as mãos na cintura, demonstra atenção e satisfação pelo dizer da filha, por ter-se sobressaído na comparação com a figura do pai. O gesto da mão apontando para si mesmo é característica comum e se realiza em diversos contextos, como, por exemplo, quando alguém se mostra indignado, por ter-lhe sido atribuído algo injustamente. No segundo quadrinho, dada à surpresa da opção da filha, são notados dois recursos retóricos do pai: o primeiro, com a pergunta "Não quer ser igual a mim?"; o segundo, com o apontar do dedo polegar para si mesmo.

Exemplo 45

O Globo, 25-09-09

No primeiro quadrinho, o dedo indicador de Junin pressionando o queixo indica uma atitude de reflexão e estranhamento. No segundo quadrinho, o dedo em riste indica uma atitude de certeza que transparece na asserção contida no balão ("tem de ter"). Há de notar-

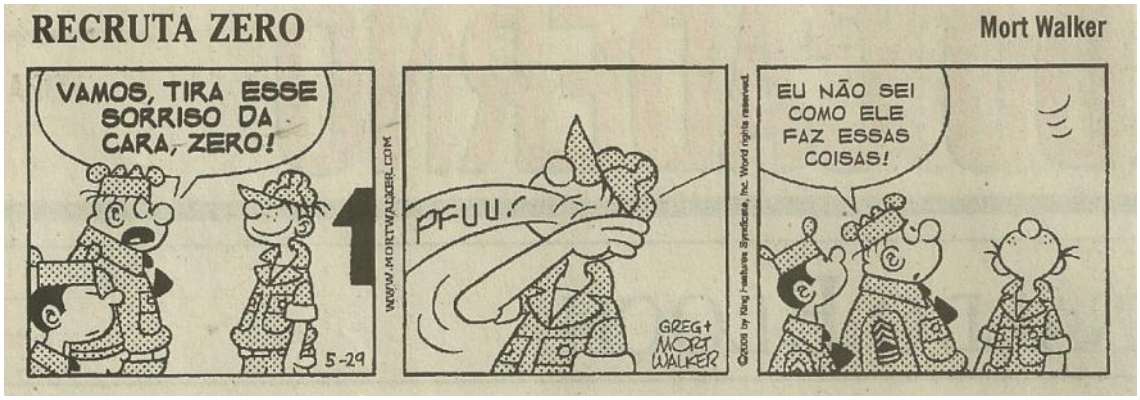
se, também, as mãos nos joelhos de Junin, como que se apoiando neles para evitar "uma queda", devido à surpresa da fala de Maluquinho; também seus olhos em direção ao leitor e os lábios energicamente esticados ressaltam, respectivamente, interlocução e certo desânimo, indicativo de perda da face, uma vez que seus turnos conversacionais anteriores indicam posição dominante, pela critica sobre a leitura da imagem apresentada e a argumentação empreendida.

Exemplo 46

O Globo, 19-05-09

Nos dois primeiros quadrinhos, enquanto as mãos espalmadas de seu interlocutor podem ser lidas como mãos estendidas, na oferta de ajuda, tanto que elas acompanham palavras de estímulo, as mãos entrelaçadas do Menino Maluquinho, no segundo quadrinho, registram uma situação tensa de angústia, dada à sua última fala, que vem acompanhada do gesto de mãos aberta e "vazias", quanto à possibilidade de solucionar o desagradável do momento vivenciado.

Exemplo 47



O Globo, 09-06-07

O gesto de limpar a boca com as mão foi aproveitado para provocar humor nessa metatira. Zero obedeceu a ordem do sargento, tirou o sorriso da cara com a ajuda do quadrinhista: passou a mão pela boca, num movimento rápido, com certo ruído, para total espanto dos outros dois personagens.

3.9.3 Os braços

GREIMAS (1979, p. 50), referindo-se a possíveis parâmetros a serem empreendidos numa classificação de gestos, considera o conjunto braços-mãos (como, também, o das pernas-pés) um aspecto primordial.

> Seguindo a observação de R Cresswell, de que o aparecimento do homem é marcado pala deslocação do centro da atividade gestual do rosto e da boca , que caracterizam o animal, para os braços e as mãos, poderíamos talvez encarar, de acordo com uma classificação provisória dos programas gestuais, a notação de uma gestualidade fundamental, na qual só seriam considerados os gestos dos braços-mãos ou o das pernas-pés [...]

Tal registro, que leva em conta o dado antropológico, permite entender que gestos dos braços e das mãos constituem uma marca na evolução do homem em sua caminhada interacional com o outro e com o mundo em geral, no que tange à procura da maior expressividade no ato comunicacional.

A importância que deve ser dada ao estudo dos gestos tem ganhado o olhar atento de estudiosos. KRISTEVA (1979,p.80) informa que "foi sobretudo a investigação antropológico-linguística de Edouard Sapir, particularmente a sua tese de que a gestualidade corporal é um código que deve ser aprendido com vista ao êxito da comunicação, que veio a inspirar as tendências da quinésica actual".

KOECHLIN (1979, p.62-63), por exemplo, registra que os gestos fazem parte de funções expressivas e são cabíveis de serem subdivididas, de acordo com as posições e movimentos tradicionais do corpo humano em "a) pragmática (cf. a vida cotidiana); b) simbólica (cf. a linguagem gestual); c) estética e decorativa (cf. a dança).". Nas quatro leituras sugeridas a seguir, quanto à atuação dos braços, a primeira exemplifica o aspecto pragmático, com a ocorrência de um gesto indicial; as outras três, o aspecto simbólico de exteriorização psíquica.

Exemplo 48

O Globo, 26-01-06

Ao se dar conta da lerdeza de Zero para pintar um aviso ("três horas'), o sargento reclama com uma pergunta acompanhada pelo gesto de braço estendido e a mão espalmada (não com dedo em riste apontado para a tabuleta do aviso), numa atitude de questionamento indignado, até que percebe, pela desculpa do recruta ("Falta de inspiração!"), o trabalho ainda não ter sido realizado; o que se lê na tabuleta é uma mensagem descompromissada de Zero, o sentido de um grande desprezo expresso em "Saí" que, como forma de humor, está iconicamente registrado pelo tamanho e tonalidade dos grafemas.

Exemplo 49

*O Globo,*12-12-09

Um gesto bastante comum é a pessoa cruzar os braços e apoiar-se numa superfície. Na TQ, esse gesto de Eddie Sortudo parece permitir ser interpretado com duas leituras: a primeira se refere ao aspecto físico de uma posição de sustentação; a segunda, remete a um aspecto psicológico: Eddie, inseguro quanto ao momento de casar-se, se mantém nessa posição sentindo-se seguro para perguntar a Hagar e receber uma resposta. O humor se dá pelas

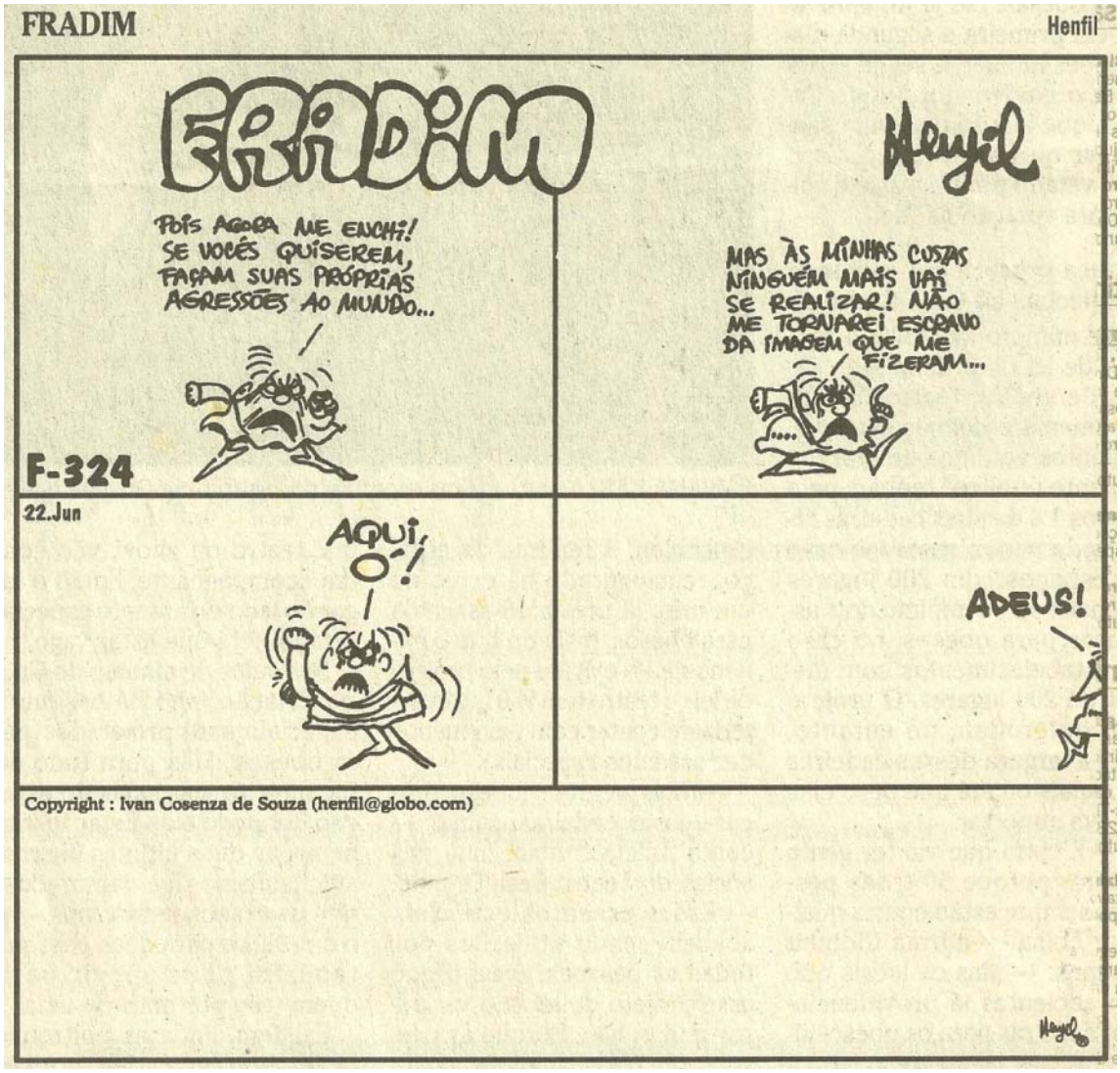
respostas de Hagar, nada contributivas para a dúvida de Eddie, uma vez que a primeira ("Um dia você vai acordar sentindo que é hora!") se torna pouco elucidativa para Eddie, tanto que faz outra pergunta para uma resposta mais esclarecedora ("E o que deverei fazer?"); a segunda é um desestímulo ao casamento: "Volte a dormir até que isso passe.", ou seja, não era para Eddie pensar mais em casamento.

Exemplo 50

O Globo, 04-05-06

Cruzar os braços, no segundo quadrinho dessa TQ, revela a atitude do tenente referente tanto à sua insatisfação pela atitude do sargento Tainha quanto à repreensão a ele feita (observe-se, também, a feição do tenente, com destaque para o sobrolho), aspectos esses que condenam o costume de o sargento Tainha guardar doces na gaveta de trabalho e, motivo de humor, a desfaçatez da explicação ("Eu gosto de comemorar Cosme e Damião alguns meses antes!"), já que no contexto geral dessa série quadrinista o sargento fica conhecido como um inveterado comilão.

Exemplo 51



O Globo, 22-06-08

A irritabilidade do personagem está iconizada no verbal da interjeição "Ó!" e no não verbal do gesto conhecido como "dar uma banana"[30], no que resulta o abandono da cena, iconizado, desde o penúltimo quadrinho, quando parte das costas ainda aparece e, até o final, com um quadrinho em branco, que fecha a interlocução "agressiva" com os leitores ("Se vocês..."), consolidando-se o propósito de humor.

[30] No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, há o registro de que se refere a "gesto considerado obsceno e ofensivo que consiste ger. em apoiar a mão na dobra do outro braço, mantendo erguido, e de punho fechado, o antebraço que ficou livre *(dar uma b. para o público)*.".

Exemplo 52

O Globo, 22-10-07

Gesto mundialmente conhecido é o levantar os dois braços em sinal de rendição. A presença dele, no primeiro quadrinho, cria curiosidade quanto à situação e à razão de estar sendo feito, esclarecida humoristicamente no segundo quadrinho: ao ser assaltado (observe-se a iconicidade do estereótipo do ladrão: a camisa listrada, os óculos e o revólver), Cascão ergue os braços em rendição, mas desta vez o assaltante é que leva a pior, porque o intenso e desagradável odor exalado das axilas do menino é que o "rendem", aproveitando, ainda, Cascão para comprovar a máxima de que "o crime não compensa.".

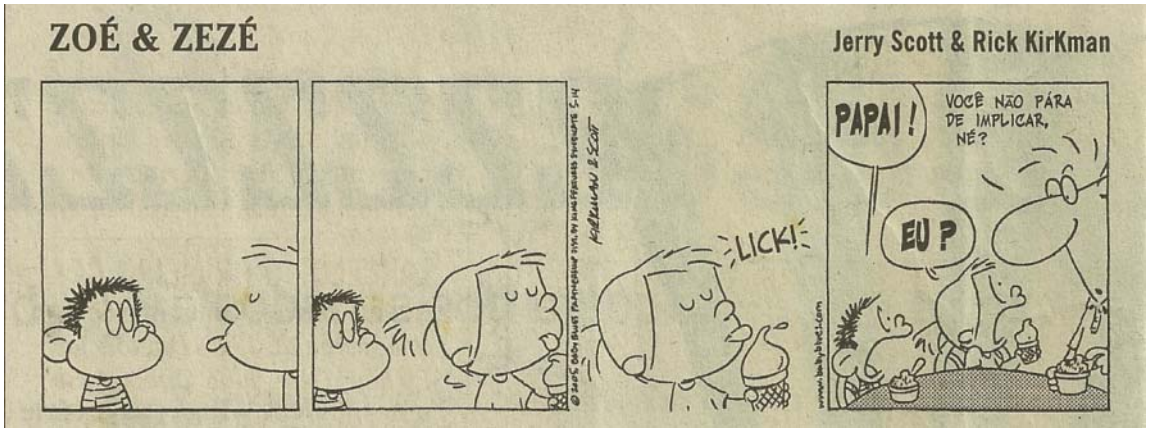
3.9.4 A língua

O gesto de colocar a língua para fora é uma atitude não verbal, que se mostra polissêmica.

DAVIS (1979, p.87) esclarece que

> ... cada cultura tem também seu repertório de emblemas. Emblema é um movimento corporal que possui um significado preestabelecido, como o dedão levantado que pede carona ou o indicador que passa pela garganta para indicar morte. (...) Às vezes, culturas diferentes usam o mesmo emblema, mas com um significado bem diferente. Botar a língua para fora, nos Estados Unidos, é um gesto de grosseria infantil, mas na China meridional isso significa constrangimento. No Tibete, o mesmo gesto é um sinal de polida deferência, enquanto que nas Ilhas Marquesas a língua para fora quer dizer "não".

Exemplo 53



O Globo, 25-03-06

No primeiro quadrinho, efetivamente se lê que Zoé, pelo motivo que seja, põe a língua para fora em direção ao irmão, criando uma situação de animosidade. No segundo e terceiro quadrinhos, é possível entender uma situação ambígua. Numa leitura, o contexto é diferente, visto que ela faz esse mesmo gesto, apenas para tomar o sorvete, dispensando a colherzinha que se vê no copo do irmão, mas ele, por conhecer o modo como Zoé costuma agir com ele, reclama com o pai. Em outra leitura, o contexto de animosidade continua, de modo que Zoé se aproveita de tomar sorvete colocando a língua para fora, para manter certa provocação percebida pelo irmão, que reclama com o pai. É nessa possibilidade de ambiguidade que o quadrinhista busca o efeito de humor. Na primeira possibilidade de leitura, Zoé é inocente e não merecia a repreensão do pai, por isso a surpresa do "Eu?"; na segunda, Zoé tinha propósito definido, queria provocar mesmo, de forma que mereceu a repreensão do pai, mas se disfarça com a indagação "Eu?".

Exemplo 54

O Globo, 09-02-06

No segundo quadrinho, o fato de Zero colocar a língua para fora, enquanto calcula o tempo que lhe resta de serviço militar, sugere poder ser entendido como uma expressão fisionômica de satisfação, seja quanto à sua habilidade de fazer tal conta de cabeça, seja quanto ao resultado a que chegou: restava bem pouco tempo, a maior parte já havia sido cumprida. O humor da TQ reside no tipo de operação matemática realizada, porque Zero empregou o processo distributivo, dividindo o total de anos cumpridos em subconjuntos, visualizados semelhantemente à grade de uma prisão, porque era assim que ele entendia estar vivendo no exército, isto é, preso.

Exemplo 55

O Globo, 16-05-09

A figura do sargento Tainha com a língua para fora constitui a iconicidade de sua fama de glutão e ansiedade em se alimentar; esse gesto corresponde, portanto, a uma imagem sensorial gustativa, indicando grande prazer pela comida. O humor fica por conta do esclarecimento de que o sargento não era voluntário para se tornar um astronauta, mas para provar uma receita de comida que seria enviada para a NASA.

3.9.5 A postura corporal

Exemplo 56

O Globo, 09-05-09

A TQ oferece mais de uma oportunidade de leitura de gestos. No segundo quadrinho, além dos braços cruzados de Zero, indicando espera, numa situação de vitória; há, também, a mão do sargento Tainha no queixo, indicando estar ele, numa posição inferior, pensando numa resposta a ser dada ao recruta. O primeiro quadrinho exemplifica postura corporal, quando Tainha e Zero se ofendem, inclinando-se ambos para frente como numa posição de investida de um sobre o outro e vice-versa. O humor se dá, porque Zero foi capaz de dizer um número maior de ofensas do que o sargento para ele, de modo que se sente vitorioso, enquanto o sargento ainda busca mais um adjetivo para que, pelo menos, ocorra um empate.

Exemplo 57

O Globo, 24-02-06

No primeiro quadrinho, a professora mantém postura corporal ereta, que ajuda a transmitir ao aluno retidão de uma conduta: "É muito feio mentir, Maluquinho"; além disso, o dedo em riste indica uma fala firme, enérgica.; por isso KERBRAT-ORECCHIONI (2006, p. 71), ao se referir a marcadores não verbais e paraverbais, menciona as "posturas dominadoras ou humildes". No último quadrinho, a representação física da professora está diferente,

porque, com as mãos na cintura, ela se curva para frente, na direção de Maluquinho, como que investindo contra o menino, dada à sua explicação eufemística sobre uma mentira assumida, tanto que "menti", no segundo quadrinho, e "versão", no terceiro, aparecem com tonalidade mais forte do que a das outras palavras, um índice da altura com que foram proferidas (exemplo de marcador paraverbal) e, também, da junção de ambas as palavras no mesmo campo semântico, ou seja, mentir é um tipo de versão, uma proposta de enfoque do quadrinhista para provocar humor.

Dadas às leituras sugeridas, cabe acrescentar, portanto, que um mesmo gesto pode ser polissêmico, por isso GREIMAS (1979, p.27) registra a expressão *sintagmas gestuais* e menciona a oposição gestualidade *prática* e *mítica*. Exemplifica:

> A mesma figura gestual comportando "inclinação da cabeça e movimento do corpo para frente e para baixo" pode significar "baixar-se" no plano **prático** e "cumprimentar" no plano **mítico**, [...] um mesmo e único significante gestual pode, consoante o contexto, ser integrado ou num sistema gestual prático (trabalhos agrícolas, por exemplo) ou num sistema mítico (a dança).

Exemplificadas várias feições do modo verbal e do não verbal, caracterizadoras de um diálogo conversacional encontrado na TQ e considerando serem as falas dos turnos conversacionais portadoras de discursos, faz-se importante acrescentarem-se alguns outros aportes teóricos para proceder-se ao segundo momento deste capítulo, no que se refere aos discursos ao longo das séries quadrinistas selecionadas, matéria importante para a leitura dos Temas Transversais.

GUIMARÃES (2009, p.126-127) afirma que "o texto constitui-se como unidade de sentido", que "o discurso é linguagem em ação" e que

> O **discurso** não é outra coisa senão esse mesmo texto, que, no entanto, se discursiviza na medida em que o seu analista busca as interações não explicitadas, ou seja, a ideologia que move o autor na elaboração do texto.

Esse aspecto teórico firma a intravisão sobre a possibilidade de apresentarem-se propostas de leitura dos Temas Transversais eleitos, na persecução de desvelar discursos enraizados nos tópicos focalizados nas TQ selecionadas, atentando-se para o modo verbal e o não verbal. Quanto a esse último, com múltiplas variedades de apresentação, é importante lembrar que "Foi ainda Sapir que reconheceu a importância do comportamento corporal na comunicação, notando a sua estreita **relação** com certos níveis do discurso: esta tese (...) constituirá uma das preocupações fundamentais da quinésica." (KRISTEVA, 1979, p.81).

Dados aos objetivos desta tese, pareceu adequada a aplicação de um viés da Análise da Conversação, segundo a adequação explanatória elaborada por KOCH (2003 e 2007) no que diz respeito à progressão tópica, especificamente no âmbito da organicidade, que envolve os

conceitos de supertópico, quadro tópico, subtópico e segmentos tópicos, referentemente à interação face a face, isto é, ao diálogo presente nas TQ.

KOCH (2003, p.121-132) considera que o texto é

> 'uma estrutura determinativa', cujas partes são interdependentes, sendo cada uma necessária para a construção das demais. Esta interdependência é garantida, em parte, pelo uso dos diversos mecanismos de sequenciação e, em parte, pelo que se denomina encadeamento tópico.

A perspectiva de se proporem leituras temáticas sobre *terceira idade* e sobre *trabalho*, segundo tal aparato teórico, se mostrou viável e encorajadora com o seguinte registro de RAMOS (2009, p.68):

> É possível perceber que ele [o tópico] também seja representado na conversação entre os personagens. Histórias maiores teriam mais tópicos, agrupados em supertópicos e divididos em temas menores ou subtópicos. Narrativas curtas, como as tiras cômicas, apresentariam uma estrutura tópica mais sintética.

Assim sendo, ganha-se o aval de proceder-se, confiante, à analise da estruturação do tópico discursivo de TQ, ao que se acrescenta a intravisão da oportunidade de ajustar, também, a leitura de Temas Transversais, considerados em sua essência. Por julgar-se pertinente, apresentam-se considerações-chave sobre essa essência.

3.10 Temas Transversais em face dos supertópicos

Em 1988, o Ministério da Educação e do Desporto, no âmbito da Secretaria de Educação Fundamental, emitiu os Parâmetros Curriculares Nacionais, moldados para servir de orientação aos sistemas educacionais de ensino no território brasileiro. Um dos destaques foi o volume referente à proposta dos Temas Transversais, fundada na emergência da construção da cidadania. Especificamente voltado para o terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental[31](atualmente designados sexto, sétimo, oitavo e nono ano), lê-se na Apresentação do documento que

> O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e coletiva e a afirmação do princípio da participação política. Nessa perspectiva é que foram incorporadas como Temas Transversais as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio ambiente, da Saúde, da Orientação Sexual e do Trabalho e Consumo. [...] os objetivos e conteúdos dos Temas Transversais devem ser incorporados nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola. (p. 17)

Partindo do pressuposto de ser a ação educativa uma relação política, a eleição desses primeiros Temas considerou que eles são abrangentes quanto à variedade de questões que possibilitam a compreensão e a crítica da realidade; fornecem subsídios que favorecerão ao

[31] Entende-se ser pertinente a leitura constante de Temas Transversais de educação durante todo o ensino fundamental e médio, porque se trata de um processo de letramento, ou , ainda, de qualidade da leitura de mundo.

educando a oportunidade de refletir sobre a leitura de mundo, motivando-se vivências que ajudarão em futuras decisões e planejamentos de vida.

A versatilidade do trabalho didático com Temas Transversais é apontada, ainda, na seguinte passagem desse texto: "Com isso o currículo ganha em flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais e que novos temas sempre podem ser incluídos". (p.25)

Considerando que esse ecletismo de proposta se faz autêntico na visão de promover-se a leitura de mundo, porque nela está a vertente maior da formação de leitores críticos, foi dado, neste estudo, atenção a dois temas ─ terceira idade e trabalho ─, nas sequências quadrinistas *URBANO, o aposentado* e *Recruta Zero* e *Zoé e Zezé*, respectivamente; procurando extrair discursos contidos nos tópicos focalizados na sequência dessas TQ diárias.

VERGUEIRO (2008, p.53) chama a atenção para o fato de que

> "traços ou situações que fortalecem a visão estereotipada de raças, classes, grupos vinculados étnicos, **profissões** (...) **representações de determinados grupos** podem surgir nas histórias em quadrinhos de forma ostensivamente preconceituosa." (grifo nosso)

Feita essa consideração, a leitura do tema *trabalho* promove visões referendadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, quanto à temática *Trabalho e Consumo*. Lê-se, ao longo do capítulo de nome homônimo (p. 339-406), que importa debater "sobre as formas de realização e organização do trabalho e consumo, compreendendo suas relações, dependências, dilemas e direitos vinculados", ação que possibilitará "a compreensão das relações de trabalho (...) subsidiando a reflexão sobre os projetos de vida(...) nos quais se inclui a dimensão profissional."; ainda, que "Além dos trabalhos de produção de bens ou de serviços, merece atenção especial o trabalho doméstico.".

Da mesma forma, a leitura do tema *terceira idade* promove intertextualidade com o registrado no capítulo *Ética* (1998, p.56), quando se lê que

> A vida humana ganha sua riqueza se é construída e experimentada tomando como referência o princípio da dignidade. Segundo esse princípio, toda e qualquer pessoa é digna e merecedora do respeito de seus semelhantes, e tem direito a boas condições de vida e a oportunidades de realizar seus projetos. Características particulares – sexo, **idade**, etnia, religião, classe social, grau de instrução, necessidades ou talentos especiais, opção política e ideológica etc. – não aumentam nem diminuem a dignidade de uma pessoa. (grifo nosso)

Tais considerações, porque julgadas essenciais, norteiam as leituras propostas.